

**EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO**  
**12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)**  
**Cursos Gerais – Agrupamentos 3 e 4**

Duração da prova: 120 minutos

2003

1.ª FASE

2.ª CHAMADA

**PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA**

---

Leia atentamente as instruções:

- Esta prova é constituída por 2 (dois) grupos de questões:
  - **GRUPO I** – 3 (três) questões.
  - **GRUPO II** – 1 (uma) questão.
- A indicação do número de linhas/palavras tem um carácter meramente orientador do grau de desenvolvimento da resposta.
- A inadequação das suas respostas às questões formuladas implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.

### GRUPO I

- Selecione **apenas um** dos textos transcritos e responda às três questões que lhe são colocadas acerca desse texto e da obra a que pertence.
- Na resposta às questões 1 e 2 deverá utilizar, em cada uma, aproximadamente 10 linhas (cerca de 80 palavras).
- Na resposta à questão 3 deverá utilizar, aproximadamente, 40 linhas (cerca de 320 palavras).
- A mera transcrição de frases do texto implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A não manifestação do conhecimento da obra implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.

TEXTO

Com isto cesso o meu discurso digno de fé e o meu pensar acerca da verdade. Sobre a humana opinião aprende, a partir de agora, escutando a ordem ilusória das minhas palavras. Entenderam que haviam de dar nome a duas formas; a uma, não deviam fazê-lo, e nisso eles erraram. Distinguiram-nas como de forma contrária, e puseram-lhes marcas diferentes uma da outra: a uma o fogo etéreo da chama, brando, muito leve, em toda a direcção igual a si mesmo, mas não idêntico ao outro; esse é o contrário daquele, a noite sem luz, um corpo espesso e pesado. A ordenação cósmica eu ta anuncio toda ela, como é própria; assim nenhum conhecimento dos mortais alguma vez te transviará.

Depois que tudo recebeu o nome de Luz ou de Noite, e lhe foi dado este ou aquele, segundo a sua força, tudo se encontra a um tempo repleto de luz e noite invisível, ambos iguais, pois nada é comum aos dois.

Frag. 8-9, in M. Helena da Rocha Pereira,  
*Hélade*, Coimbra, FLUC, 1990, pp. 132-133

QUESTÕES

1. Esclareça o objectivo da referência no texto à opinião dos humanos.
2. Explique por que erraram os mortais ao «dar nome a duas formas».
3. Esclareça a importância deste extracto no contexto da respectiva obra.

V.S.F.F.

### TEXTO

Cálicles – (...) Na generalidade dos casos, natureza e convenção opõem-se uma à outra, de modo que, se alguém, por vergonha, não ousa dizer o que pensa, acaba necessariamente por cair em contradição. Apercebendo-te desta subtileza, não és leal na discussão: se te falam do ponto de vista da convenção, interrogas segundo o da natureza, e se te falam do ponto de vista da natureza, interrogas segundo o da convenção. Foi assim que há pouco, a propósito de cometer ou sofrer injustiça, quando Polo falava do que é mais feio no domínio da convenção, tu deslocavas o tema para o domínio da natureza. Efectivamente, o mais feio segundo a natureza é sempre o que é mais desvantajoso, neste caso, sofrer a injustiça; segundo a lei, será cometê-la. A verdade é que suportar a injustiça não é atitude própria de um homem, mas de um escravo, para quem é melhor morrer do que viver, dado que, perante a injustiça e os ultrajes, não tem qualquer hipótese de defesa, nem para si, nem para os que lhe são caros. Quanto às leis, estou convencido de que são feitas pelos fracos e pela grande massa, que agem exclusivamente no seu próprio interesse, fixando o que é digno de louvor e o que é digno de censura. Para assustarem os mais fortes, aqueles que têm possibilidades de se superiorizarem, e para não se deixarem ultrapassar por eles, dizem que toda a superioridade é vergonhosa e injusta e que a injustiça não é mais do que querer estar acima dos outros. Como não têm valor, sentem-se felizes, creio eu, por colocar todos ao seu nível.

É por isso que a lei considera injusto e vergonhoso o desejo de ser superior à maioria, e é a isto que chamam injustiça. Mas a própria natureza, em minha opinião, demonstra que é justo que o melhor esteja acima do pior e o mais forte acima do mais fraco. Em muitos domínios, não só entre os animais como entre as cidades e as raças dos homens, é evidente que é assim, que, na ordem da justiça, o mais poderoso deve dominar o mais fraco e gozar as vantagens da sua superioridade. Que outro direito tinha Xerxes para vir fazer guerra à Grécia, ou o seu pai aos Cíatas? E, como estes, podia citar um sem-número de exemplos. É que estas pessoas, a meu ver, agem segundo a natureza da justiça e, por Zeus, segundo a lei da natureza, que não é, certamente, igual àquela que nós criámos.

482e-483e, Lisboa, Edições 70, 1991, pp. 118-119

### QUESTÕES

1. Explícite, recorrendo ao texto, o ponto de vista de Cálicles sobre natureza e convenção.
2. Explique, com base neste discurso de Cálicles, a função da convenção.
3. Esclareça a importância deste extracto no contexto da respectiva obra.

### TEXTO

Sócrates – Ora, meu caro Símiás, talvez não seja processo adequado de troca em vista à virtude, esse de trocar prazeres por prazeres, sofrimentos por sofrimentos, receios por receios – uns maiores por outros, mais pequenos –, como se de moedas se tratasse! Talvez que, pelo contrário, haja uma única moeda adequada, capaz de assegurar a validade de todas estas trocas – a razão. Sim, talvez só por ela [e com ela] se possa de verdade [comprar e vender] coragem, temperança, justiça, numa palavra, a autêntica virtude, que é a que vem acompanhada de razão, independentemente de se lhe associarem ou subtraírem prazeres, receios e assim por diante. Se, porém, nos limitamos, à margem da razão, a uma simples permuta entre eles, é de temer que não passe de um simulacro a espécie de virtude assim granjeada – virtude, a bem dizer, servil e sem sombra de perfeição ou de verdade. E a verdade consiste talvez em que temperança, justiça e coragem constituam uma purificação de todo esse tipo de emoções, e a própria razão, o meio de nos purificarmos. É provável, pois, que os fundadores dos nossos ritos místéricos não fossem homens medíocres, antes pelo contrário, desde há muito nos sugerissem a verdade, ao asseverar que todo aquele que chega ao Hades sem ter sido iniciado há-de jazer na lama, enquanto aquele que vai purificado e iniciado habitará, ao lá chegar, na companhia dos deuses. É que, como dizem os entendidos nos Mistérios, «muitos são os portadores de tirso, mas poucos os Bacantes»: ora estes últimos, quer-me parecer que não são outros senão os que se consagraram, no verdadeiro sentido da palavra, à filosofia; e justamente, para pertencer a esse número, não me poupei a esforços na minha vida passada, antes pelo contrário, dei tudo por tudo! Se esses esforços foram válidos e algum resultado obtive com eles, eis o que, segundo julgo, muito em breve ficarei a saber ao certo, se Deus quiser, quando ali chegar.

Aqui está, pois, Símiás e Cebes – concluiu –, o que tenho a alegar em minha defesa: é que há efectivamente razões para vos deixar, a vós e aos meus amos daqui, sem pena nem revolta, visto que além espero encontrar, tanto como aqui, outros amos e companheiros não menos excelentes.

69a-e, Coimbra, Livraria Minerva, 1988, pp. 59-60

### QUESTÕES

1. Justifique, com base no texto, o carácter ilusório das virtudes praticadas pelo comum dos homens.
2. Exponha as razões que, segundo o texto, levam Sócrates a partir «sem pena nem revolta».
3. Esclareça a importância deste extracto no contexto da respectiva obra.

V.S.F.F.

114/5

### TEXTO

(...) a substância, permanecendo a mesma, admite contudo qualidades contrárias. Por exemplo: um determinado homem, sendo um e o mesmo, é umas vezes branco outras preto, umas vezes quente, outras frio, umas vezes bom, outras mau. Nada de análogo ocorre em outras categorias, a menos que se objecte que as asserções e as opiniões admitem também contrários. Isto quer dizer que uma mesma afirmação pode parecer simultaneamente verdadeira e falsa. Se, por exemplo, a asserção «o homem está sentado» é verdadeira, logo que o homem se levante, tal asserção será falsa. O mesmo se verifica com a opinião. Podemos dizer a opinião verdadeira de que este ou aquele homem está sentado, e, não obstante, quando esse homem se puser de pé, aquela opinião será falsa, se for mantida acerca do mesmo homem. Ainda quando admitimos este argumento, ela diferencia-se pelo modo de receber os contrários. Quando a substância admite qualidades contrárias, tal ocorre em virtude de uma alteração em si mesma, pois é mediante uma alteração em si mesma que uma substância que estava quente passou a estar fria, passando de um estado a outro; ou que uma coisa branca se tornou preta, ou que era boa e se tornou má. O mesmo se verifica nos casos em que a substância admite determinadas qualidades, ainda que contrárias. No entanto, o juízo e a opinião permanecem imutáveis em si mesmos, em todos e em cada um dos aspectos. Se passam a dispor de uma qualidade contrária, sendo umas vezes verdadeiros e, outras, falsos, o que mudou foi a assunção do contrário neles, dado que o juízo – tal homem está sentado – continua idêntico, mas, em relação às condições que mudam, umas vezes é verdadeiro, outras é falso, e igual asserção vale para as opiniões. Assim, pelo modo como mais ou menos as coisas acontecem, é de facto característico da substância admitir qualidades contrárias, mediante uma alteração em si mesma. Por conseguinte, se alguém quiser abrir uma excepção a favor dos juízos e das opiniões, sustentando que também estes admitem qualificações contrárias, tal opinião é uma heterodoxia. Se dissermos que os juízos e as opiniões podem receber contrários, é porque não são eles mesmos os sujeitos da alteração, mas porque a alteração sobreveio em sujeito distinto. Com efeito, é a realidade ou a irrealidade da coisa que faz o juízo verdadeiro ou falso, não sendo possível que o próprio juízo possa admitir tamanhas qualidades contrárias. Porque, em síntese, nada pode alterar a natureza do juízo nem da opinião e, pois que neles não há alteração, não podem ser receptáculos de contrários. Mas a substância, ao poder receber em si mesma os contrários, admite os contrários, pois ela recebe em si mesma a saúde, a brancura e a negrura. E como ela recebe em si mesma cada uma destas qualidades, é afirmável que ela recebe os contrários.

4a-b, in *Organon*, Lisboa, Guimarães, 1985, pp. 57-60

### QUESTÕES

1. Justifique, com base no texto, que a substância, «permanecendo a mesma, admite contudo qualidades contrárias».
2. Explique de que modo, no texto, é rebatida a objecção de que «as asserções e as opiniões admitem também contrários».
3. Esclareça a importância deste extracto no contexto da respectiva obra.

## TEXTO

AGOSTINHO – Queres então que te diga o que se segue?

ADEODATO – Não, peço-te, pois eu a mim mesmo declaro não ser homem, eu que respondi ser um nome, quando me perguntaste se –homem era um nome. Com efeito, já tinha ficado por nós assente que a partir da coisa significada é que se aprova ou nega o que se diz.

AGOSTINHO – Mas a mim parece-me que não foi sem motivo que caíste nessa resposta; é que a própria lei da razão, inscrita nas nossas mentes, sobrepujou a tua atenção. Se eu te perguntasse o que era –homem, responderias talvez –animal; mas se perguntasse que parte da oração era –homem, de modo nenhum poderias responder correctamente senão: um nome. Por esta razão, visto que –homem se apresenta como sendo nome e como sendo animal, diz-se ser o primeiro, enquanto é sinal; e o segundo, quanto à coisa que significa. À pessoa, portanto, que pergunta se –homem é um nome, devo responder-lhe apenas que é, pois ela indica suficientemente que quer resposta enquanto ele é um sinal. Mas se pergunta se é animal, anuirei muito mais prontamente. Se porém perguntasse simplesmente: que é –homem?, silenciando nome e animal, o espírito dirigir-se-ia para aquilo que é significado pelas duas sílabas, por essa lei da fala por nós aceite, e nada mais se responderia senão –animal, ou mesmo pronunciar-se-ia a definição completa, ou seja – animal racional mortal. Não te parece?

ADEODATO – Parece-me, absolutamente. Mas tendo nós concedido que –homem é nome, como evitar essa conclusão extremamente afrontosa, pela qual se infere que não somos homens?

AGOSTINHO – De que modo julgas tu, senão esclarecendo que ela não foi tirada do aspecto, segundo o qual tínhamos assentido a quem nos interrogava? Ou se este declara que a tira desse aspecto, de modo nenhum há que a temer. Porque hei-de eu ter medo de confessar que não sou homem, isto é, essas duas sílabas?

ADEODATO – Nada mais exacto. Mas porque nos fere então o espírito quando se diz – portanto não és homem – uma vez que, segundo o que foi admitido, nada de mais verdadeiro se podia dizer?

AGOSTINHO – Porque não posso deixar de supor, apenas soam tais palavras, que a conclusão se refere ao que é significado por essas duas sílabas, em virtude daquela lei que tem muita força na ordem da natureza, a saber, que ouvidos os sinais, o pensamento se dirija para as coisas significadas.

*In Opúsculos Selectos da Filosofia Medieval,  
Braga, Fac. de Filosofia, 1991, pp. 94-96*

## QUESTÕES

1. Explícite, com base no texto, as consequências da distinção entre «homem» como nome e «homem» como animal.
2. Explique, recorrendo ao texto, por que nos fere o espírito quando se diz «não és homem».
3. Esclareça a importância deste extracto no contexto da respectiva obra.

V.S.F.F.

114/7

### TEXTO

Por conseguinte, Senhor, não somente és uma realidade, maior do que a qual nada se pode pensar, mas és uma realidade maior do que se possa pensar. Pois que na verdade é possível pensar-se que existe uma realidade desse género, se tu não és isso mesmo, pode pensar-se alguma coisa maior do que tu, o que não pode ser.

Verdadeiramente, Senhor, essa é a «luz inacessível em que habitas» (cfr. 1 *Timóteo* 6, 16); verdadeiramente não há outro ser que a penetre, para aí te ver totalmente. Por isso eu verdadeiramente não a vejo, porque ela é excessiva para mim. No entanto, tudo o que vejo, por ela o vejo. Também a vista, na sua debilidade, o que vê vê-o por meio da luz do Sol, a qual não pode fitar no mesmo Sol. O meu intelecto não tem capacidade para ela. Fulge excessivamente: não a comporta a vista da minha alma, nem aguenta fixar-se nela por muito tempo. É ofuscada pelo resplendor, cercada pela vastidão, afogada pela imensidade, confundida pela potencialidade. Ó suma e inacessível luz, ó total e bem-aventurada verdade, quão longe estás de mim, que tão perto estou de ti! Quão afastada estás do meu olhar, que tão presente estou ao teu olhar! Estás toda presente em toda a parte, e não te vejo. Movo-me em ti e estou em ti, e não me posso aproximar de ti. Estás dentro de mim e em volta de mim, e não te sinto.

In *Opúsculos Selectos da Filosofia Medieval*,  
Braga, Fac. de Filosofia, 1991, pp. 153-154

### QUESTÕES

1. Explícite o conteúdo do primeiro parágrafo do extracto.
2. Explique, recorrendo ao texto, a metáfora da luz solar aplicada a Deus.
3. Esclareça a importância deste extracto no contexto da respectiva obra.



### TEXTO

Em sentido absoluto e primordialmente, o ser é afirmado das substâncias; subsequentemente e como que sob certo aspecto, dos acidentes. Daí vem que própria e verdadeiramente a essência se encontra nas substâncias, e apenas, de certo modo e sob certo aspecto, nos acidentes. Ora das substâncias, algumas são espirituais, outras, corporais, encontrando-se a essência numas e noutras. Nas espirituais, [encontra-se] de maneira mais verdadeira e perfeita, enquanto possuem também uma existência mais perfeita. São também elas a causa dos seres que são corporais, pelo menos a substância primeira e espiritual que é Deus.

Como, porém, as essências destas substâncias nos são mais ocultas, devemos começar pelas essências das substâncias corporais, de modo que, [partindo] do que é mais fácil, a exposição se torne mais racional. Ora, nas substâncias corporais, a dínase [ou «forma»] e a matéria são conhecidas [de todos], como no homem a alma e o corpo. Não se pode porém dizer que apenas um desses [princípios] constitua a essência. De facto, que a matéria sozinha não seja a essência, é evidente, pois é por meio da essência que uma realidade se torna cognoscível e se coloca numa espécie ou num género. Ora a matéria nem é princípio de conhecimento, nem segundo ela se determina o género ou a espécie de nada, mas segundo aquilo pelo qual uma realidade existe em efectividade. De igual modo, também a dínase sozinha se não pode dizer essência do ser material, ainda que alguns pretendam afirmá-lo. Com efeito, pelo que ficou dito é evidente que a essência é aquilo que a definição de uma coisa exprime. Ora, a definição dos seres físicos não inclui apenas a dínase, mas também a matéria, pois de outro modo as definições físicas não difeririam das matemáticas. Nem também se pode dizer que, na definição de um ser físico, a matéria entre como acrescentada à essência dele ou então como uma realidade extrínseca à sua essência. Na verdade, esta classe de definições é própria dos acidentes, que não possuem essência completa, e por isso é necessário que recebam na sua definição um substantivo [isto é, um princípio a que adiram], que está fora da sua categoria [lógica]. É pois evidente que a essência compreende a matéria e a dínase.

In *Opúsculos Selectos da Filosofia Medieval*,  
Braga, Fac. de Filosofia, 1991, pp. 204-205

### QUESTÕES

1. Explique de que modo, no texto, os acidentes são distinguidos das substâncias.
2. Justifique, com base no texto, que a essência das substâncias corporais não é constituída apenas ou por matéria ou por forma.
3. Esclareça a importância deste extracto no contexto da respectiva obra.

V.S.F.F.

### TEXTO

23. De modo semelhante ao que fica dito, é possível descobrir a luz da Sagrada Escritura na iluminação da filosofia moral. O intento da filosofia moral incide principalmente sobre a rectidão, pois o seu objecto é a justiça em geral, a qual, como diz St.º Anselmo, é «a rectidão da vontade». Por sua vez, o termo «recto» tem três acepções, e conforme a elas são-nos manifestas as três conclusões sobreditas na consideração da rectidão. Em primeiro lugar, diz-se recto aquilo «cujo meio não excede os extremos». Ora, sendo Deus a rectidão suma, não só em si mesmo considerado, mas também enquanto é princípio e fim de todas as coisas, necessariamente há-de colocar-se em Deus uma pessoa intermédia de sua mesma natureza, de modo que deva distinguir-se Nele uma pessoa que é só produtora, outra somente produzida e uma intermédia, produtora e produzida ao mesmo tempo. É igualmente necessário colocar um meio na produção e no retorno das coisas criadas; mas é indispensável que este meio, no facto da produção, se aproxime mais do producente e, no retorno, se aproxime mais do que retorna; e, assim como as coisas provieram de Deus por meio do Verbo divino, da mesma maneira é necessário, para o retorno ser perfeito, que o Mediador «de Deus e dos homens» não só seja Deus, mas também homem, a fim de poder reconduzir os homens para Deus.

24. Em segundo lugar, diz-se recto o que se conforma com quem o dirige. Consoante esta acepção, é dado contemplar a norma de viver na consideração da rectidão. Porquanto, vive rectamente aquele que pauta o seu proceder pelas regras do direito divino, ou seja, quando a vontade humana acata os preceitos obrigatórios, as admoestações salutares e os conselhos perfeitos, a fim de que o homem experimente por via disso «qual é a vontade de Deus boa, agradável e perfeita». E então é recta a ordem de viver, na qual não pode encontrar-se algum desvio.

25. Em terceiro lugar, diz-se recto aquilo cuja sumidade se ergue para o alto, como quando se diz que é recta a estatura do homem. E, segundo esta acepção, é manifesta a união de Deus e da alma ao considerarmos a rectidão. Pois, estando Deus no mais alto dos céus, é necessário que o ápice da mente se erga também para o alto. Isto dá-se quando a potência racional assente à que é verdade primeira por si mesma e sobre todas as coisas, quando a potência irascível se firma na liberalidade suma e quando a potência concupiscível adere à bondade suprema. Então, o que deste modo «está unido a Deus é um só espírito com ele».

Coimbra, Atlântida, 1970, pp. 44-47

### QUESTÕES

1. Explícite, com base no texto, em que sentidos pode ser tomado o termo «recto».
2. Explique, com base no texto, de que modo é «possível descobrir a luz da Sagrada Escritura na iluminação da filosofia moral».
3. Esclareça a importância deste extracto no contexto da respectiva obra.

## GRUPO II

- Seleccione **apenas uma** das obras que lhe são propostas e desenvolva o tema anexo.
- Apresente um plano organizador.
- A não identificação do tema e da obra implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A opção por um par obra-tema diferente dos que são apresentados na prova implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- Na sua resposta deverá utilizar aproximadamente 80 linhas (cerca de 640 palavras).

OBRAS	TEMAS
PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, R. Descartes .....	Verdade e erro
CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, J. Locke .....	Poder espiritual e poder temporal
DISCURSO DE METAFÍSICA, G. W. Leibniz.....	O milagre e a lei natural
FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, I. Kant .....	A vontade como razão
INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA, G. W. F. Hegel	Ciências e filosofia
TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental.....	Dualismo corpo/alma
A ORIGEM DA TRAGÉDIA, F. Nietzsche.....	Ciência e verdade
DA CERTEZA, L. Wittgenstein .....	Conhecimento e experiência
ELOGIO DA FILOSOFIA, M. Merleau-Ponty .....	O filósofo como homem
OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, B. Russell .....	Ciência e filosofia
PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA Joaquim de Carvalho .....	Saudade: palavra e sentimento
SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, M. Heidegger .....	Proposição e verdade
TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricoeur .....	O valor da metáfora

**FIM**

**V.S.F.F.**

114/11

## COTAÇÕES

### GRUPO I

1. e 2. .... (2 × 25 pontos)..... 50 pontos

3. .... (1 × 70 pontos)..... 70 pontos

### GRUPO II

..... (1 × 80 pontos)..... 80 pontos

**TOTAL** ..... 200 pontos